

SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA

ESPELHO DE UM NARCISISMO DESPEDAÇADO

Daniela Yglesias C. Prieto



O suicídio é a uma das principais causas de morte entre adolescentes e jovens (15 a 29 anos) em todo o mundo. O adolescente tem um aparelho mental menos desenvolvido para lidar com as experiências, em que algo o atinge e há pouco espaço de elaboração. Sua pele psíquica é mais fina e permeável, o que o torna mais susceptível ao impacto do que vem de fora, como mudanças das condições de vida, perda de laços afetivos, lutos, migrações, violência. Sem muito filtro frente ao que vem de fora, a saída pode ser um ato suicida para lidar com os conflitos e desafios da vida.

O suicídio envolve um sofrimento psíquico extremo, percebido como insuportável, em que a morte é vislumbrada como única solução para cessá-lo. Os processos mentais associados ao suicídio são vivências depressivas intensas, afetos de desespero, ódio, raiva e ansiedade, associados a uma autoimagem desqualificada, em que o Eu dirige contra si sua agressividade. A percepção de si e do outro fica borrada por intensas emoções, o que dificulta um pedido de ajuda.

Aqueles que tiveram o desenvolvimento emocional na infância e adolescência marcado pelo não investimento amoroso de seus cuidadores ou por situações de violência (verbal, física, sexual) tendem a formar uma autoimagem desqualificada, em que vivenciam dificuldade de experimentar amor por si mesmos, sendo mais vulneráveis frente a situações adversas. Por outro lado, práticas educativas que não colocam limites para suas crianças não as ajudam a aprender a lidar com as frustrações que são vividas como insuportáveis e intoleráveis.

A adolescência é um tempo de intensas transformações no corpo, na mente e na relação com os outros e marca um estágio de vulnerabilidade. O adolescente tem que lidar com as perdas do corpo infantil, com

o reflorescimento da sexualidade, com o reposicionamento dos papéis em relação aos pais e com o progressivo ingresso no mundo adulto. Tudo isso marca um período de crise e vulnerabilidade, em que as experiências adversas podem ser vivenciadas com maior intensidade. A escolha de uma carreira profissional nesse período intensifica ainda mais a experiência de vulnerabilidade.

Freud (1914/2010) nos ensina que o sujeito investe seu objeto de amor e vivencia o retorno desse investimento quando é retribuído. Não ter sido investido amorosamente pelos cuidadores compromete a capacidade de tomar a si mesmo como objeto de amor e marca uma vulnerabilidade. Podemos pensar o quanto as falhas nesses momentos precoces podem levar a manutenção de fissuras que podem reabrir frente a situações posteriores da vida que desafiam o sujeito. Ter uma mãe deprimida ou muito instável, por exemplo, pode dificultar o envolvimento da mesma com seu bebê e levá-lo a formar uma imagem de si como objeto desqualificado.

Outra contribuição que me parece fundamental para entender o processo suicida é de Melanie Klein quando ela refere que o sofrimento reativa experiências semelhantes anteriores na nossa mente. Nesse sentido, quando experimentamos uma situação de perda, outras são novamente vivenciadas. A imagem que me parece representar bem esse momento é o tempo de ressaca do mar que traz das suas profundezas aquilo que estava encoberto, escondido. Uma situação de humilhação ou perda no presente reativa o sofrimento de situações anteriores e pode dar luz, em parte, à sensação que temos quando nos deparamos com uma pessoa em forte processo depressivo, em que a reação parece desproporcional ao evento que a precipitou.

Os adolescentes e jovens buscam construir uma imagem de si que ainda é muito instável

e dependente do olhar do outro. A cultura contemporânea, com a espetacularização da vida privada, muitas vezes os tornam reféns de uma imagem especular que tentam construir de si mesmos nas mídias sociais. Ficam mais vulneráveis a situações de desqualificação que podem tomar proporções devastadoras na sociedade atual, nas quais ferramentas de comunicação são utilizadas para potencializar insultos, como no *cyber-bullying*. As situações de humilhação e violência podem intensificar vivências depressivas, sentimentos de solidão e desconexão com o outro e ativar um processo suicida em pessoas vulneráveis.

A questão da presença de relações de intimidade como aspecto de proteção contra o suicídio é um foco das pesquisas atuais da Organização Mundial de Saúde (2017). As relações de intimidade nos permitem trocar confidências, conversar sobre nossos sentimentos e aliviar angústias que estamos sentindo, além de nos trazer vivências de pertencimento e apoio. Nesse ponto, é importante contarmos com as contribuições de Bauman (2004) sobre a sociedade contemporânea, individualista, em que as pessoas são tratadas como objetos de consumo e avaliadas quanto a possibilidade de trazer prazer. É a morte de valores como a solidariedade, a compaixão, da troca e da simpatia mútuas.

Os adolescentes e jovens enfrentam o desafio de ingressar na vida adulta em um mundo contemporâneo cada vez mais exigente, em que predominam relações de competição, onde não encontram refúgio para lidar com o sofrimento. Estamos vivendo em uma sociedade individualista, com o empobrecimento das redes de pertencimento, que exige cada vez mais habilidades cognitivas e emocionais para lidar com um universo de relações. O mundo globalizado cada vez mais complexo nos desafia a encontrar caminhos de uma vida possível entre as negociações do desejo e da realidade. Freud (1930/2010) nos fala que cada um tem que descobrir a sua forma particular de ser feliz. Podemos pensar o quanto as intensas mudanças econômicas e sociais ocorridas nas últimas décadas colocam as populações de adolescentes e jovens frente a desafios que são difíceis de enfrentar, para os quais muitas vezes não encontram recursos em si mesmos e nem modelos em seus pais.

REFERÊNCIAS

Bauman, Z. (2004). *O amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.

Freud, S. (2010). *Introdução ao narcisismo*. In: Freud, S. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, pp. 13-50. (Originalmente publicado em 1914).

Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In: Freud, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, pp. 13-50. (Originalmente publicado em 1930).

Klein, M. (1996). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: *Obras Completas de Melanie Klein*. (A. Cardoso, trad.). Vol. I, Rio de Janeiro: Imago, pp. 301-329. (Originalmente publicado em 1935).

WHO (2017). *Mental health status of adolescents in South-East Asia: evidence for action*. World Health Organization: regional office for South-East Asia.



Daniela Yglesias C. Prieto é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.